

DE MOVIMENTO COMUNITÁRIO A ATRAÇÃO TURÍSTICA CARIOCA A TRAJETÓRIA DO TREM DO SAMBA

Valéria Lima Guimarães (UFF)
Marcelo Duarte de Almeida (UERJ)

O trem do samba é festa popular carioca celebrada desde 1996, com o objetivo inicial de chamar a atenção para as demandas de ativistas do bairro de Oswaldo Cruz. O crescimento da festa transformou-a em fenômeno de massas – atraindo mesmo muitos turistas – e ressignificou seus sentidos, sem deixar, contudo, de dar visibilidade à cultura popular e àquele bairro do subúrbio.

TREM DO SAMBA, FESTA, CULTURA POPULAR, RIO DE JANEIRO, TURISMO.

GUIMARÃES, Valéria Lima e ALMEIDA, Marcelo Duarte. De movimento comunitário a atração turística carioca: a trajetória do trem do samba. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 215-224, nov. 2011.

INTRODUÇÃO

A viagem de trem está diferente. Quem está acostumado a deslocar-se nos va-

1. *Conforme o artigo 5º, parágrafo I da Constituição Federal, “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.*

2. *Oswaldo Cruz situa-se entre os bairros de Madureira e Bento Ribeiro, sendo a “16ª estação de trem do ramal da Central do Brasil”, segundo a letra de “Uma geografia popular”, música de Marquinhos de Oswaldo Cruz em parceria com Arlindo Cruz e Beth Carvalho. A distância da viagem até a gare da Central do Brasil é de 18km.*

3. *Paulo da Portela, como era conhecido Paulo Benjamin de Oliveira (1901-1949), um dos fundadores da Escola de Samba Portela, nos anos 20, é tido como personalidade das mais importantes do bairro de Oswaldo Cruz. Sambista e compositor, ganhava a vida como lustrador de móveis, trabalhando no Centro da cidade para onde se deslocava utilizando o trem como meio de transporte. Foi eleito Cidadão Samba em 1937 pela União Geral das Escolas de Samba. É considerado defensor da organização do samba no bairro e na cidade e da luta contra a marginalização do ritmo. Para mais informações, ver Silva; Santos, 1979.*

ções das composições que ligam os bairros do subúrbio ao Centro da cidade do Rio de Janeiro sabe que houve muitas mudanças nos últimos anos, especialmente no que tange à normatização e controle do comportamento do usuário. Exemplo bastante polêmico é a obrigatoriedade, por lei estadual de 2006, de vagões exclusivamente femininos nos trens e metrô nos horários de pico, medida inconstitucional,¹ transgredida pelos homens e não reclamada pelas mulheres.

Uma série de proibições referentes às práticas religiosas e musicais vem sendo impostas no interior dos trens, meio de transporte de massa, mas também espaço tradicional de reunião e manifestação da cultura popular. Depois da proibição pela Justiça Estadual do Rio de Janeiro do culto religioso nos trens urbanos, em 2009, lembrada diária e repetidamente em alto e bom som nos alto-falantes da Central do Brasil e caso de polícia se o pregador for insistente, tramita um projeto na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro de proibição do uso de aparelhos sonoros ou musicais “salvo mediante o uso de auditivo pessoal”. Definitivamente, o silêncio é a ordem, à exceção dos casos autorizados, como o dos vendedores credenciados que trabalham para grandes corporações transnacionais, com contratos de exclusividade para venda no trem, substituindo formalmente os camelôs.

Na primeira semana de dezembro de cada ano, porém, a ordem é subvertida, o silêncio aparente de cada viagem dá lugar ao som de pandeiros, atabaques, cavaquinhos, repiques, tamborins, chocalhos e muito samba no gogó. Desde 1996, ininterruptamente, uma nova tradição inventada, para utilizar a terminologia de Hobsbawn e Ranger (2008), toma conta dos trens, mobilizando público cada vez maior de moradores de várias partes da cidade e de turistas, nacionais e estrangeiros interessados em embarcar num trem incomum: o trem do samba, um extraordinário fenômeno da cultura popular carioca.

A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO E A QUESTÃO DA RESISTÊNCIA

No início da década de 1990 um pequeno grupo de sambistas, religiosos e militantes dos movimentos negro e comunitário no subúrbio de Oswaldo Cruz² tomou a iniciativa de cantar

samba no trem como forma de reverenciar ilustres sambistas do bairro, como Paulo da Portela,³ que na década de 1930, em seus deslocamentos na volta do trabalho para casa, precisamente no “trem das 18:05h”, cantavam samba no interior dos vagões e conversavam sobre os preparativos para o carnaval.

O trem e o samba seriam, então, duas marcas bastante fortes no processo de construção de uma identidade positiva daquele bairro pobre do subúrbio, então iniciado pelo grupo. Foi incorporada como justificativa da ação política e cultural dos participantes uma série de representações construídas sobre um passado relacionado à resitência de trabalhadores do bairro, que, em grande parte negros, viviam no subúrbio em face da expulsão provocada pelas intervenções urbanísticas e higienistas no Centro do Rio no começo do século passado.

Esses trabalhadores cantariam o samba nos deslocamentos de trem como forma de resistência não só à exclusão social a que foram submetidos como também às perseguições que o próprio samba, ritmo popular àquela altura marginalizado e proibido, sofreria. O trem, assim, era um lócus privilegiado da resistência negra, operária, sambista e suburbana, protagonizada pelos usuários moradores do bairro de Oswaldo Cruz.

“Resgatar” esse passado e reverenciar seus protagonistas, cantando sambas ‘da antiga’, foi a forma encontrada, nos anos 90, por aquele grupo de ativistas e artistas do bairro para chamar a atenção dos moradores e da sociedade para a importância histórica, simbólica e cultural de Oswaldo Cruz, assinalando, como acreditavam, uma nova forma de resistência às dificuldades vividas no cotidiano do lugar e construindo uma identidade de bairro fortemente relacionada a um passado imaginado vinculado ao samba. Entrelaçavam-se nesse projeto reivindicações ligadas à valorização da cultura negra, ao reconhecimento dos artistas locais pela indústria cultural, aos melhoramentos há muito esperados para o bairro, à construção de uma identidade positiva da localidade e elevação da autoestima de seus moradores. Para isso, seus protagonistas evocavam um passado histórico apropriado e inventavam tradições (HOBSBAWN; RANGER, 2008), ritualizadas dentro do trem.

A nova tradição inventada, que ganhava corpo a partir de 1996, cercava-se de rituais que lhe davam sentido e faziam comunicar, por sua *performance* e pela força de sua repetição, os valores sociais e as ideologias que a orientavam. No trem do samba, um solene ritual de saudação da Velha Guarda da Portela, a anfitriã do bairro de Oswaldo Cruz, às velhas guardas da Mangueira e do Império Serrano, além das outras velhas guardas convidadas, tem como função “reviver” a tradição do ambiente de amizade, cortesia e reverência atribuído aos sambistas do passado, como a amizade entre Cartola, fundador da Mangueira, e Paulo da Portela.

Nas primeiras edições do trem do samba, Marquinhos de Oswaldo Cruz, idealizador e principal líder do projeto, juntamente com Monarco – a nova e a velha geração de talentosos sambistas da Portela, saltavam do trem e seguiam um ritual que simbolizava as visitas que os antigos sambistas faziam às outras comunidades “coirmãs”. Representando a diplomacia de Paulo da Portela na Mangueira e na Serrinha, os sambistas

desciam e conduziam as personalidades dessas velhas guardas aos vagões que lhes eram destinados.

Para os inventores da tradição, o trem do samba promoveria o “resgate” da resistência dos antigos, marcando a luta contra as novas formas de opressão do presente, em especial, “a opressão às vozes e ritmos negros”. Conforme o texto do sítio oficial do Projeto Trem do Samba na internet:

Trem e música: componentes tradicionais das comunidades negras nas Américas. Confirmando essa tradição, no início do século XX, e fugindo da perseguição imposta pela elite às práticas simbólicas negras, Paulo da Portela e seus companheiros de escola reuniam-se no trem (que foi transformado em “sede social”), na volta do trabalho, cantando e tocando SAMBA.

Bem mais tarde, em 1991, Marquinhos de Oswaldo Cruz (cantor e compositor portelense) vai também utilizar o trem como um espaço para reunião de sambistas. Também fugindo da repressão às vozes e ritmos negros, o projeto “TREM DO SAMBA” refaz nos vagões a rota da diáspora dos descendentes de escravos expulsos do centro da cidade. Buscavam mostrar à cidade a riqueza musical que era produzida no subúrbio e, em especial, no desconhecido bairro de Oswaldo Cruz (TREM DO SAMBA).

Concordamos com Rodrigues Júnior quanto ao fato de que essa resistência dos sambistas à marginalização, atribuída ao batuque no trem nos anos 20, mais se associa à construção contemporânea de um mito fundador e à evocação de um passado idealizado, que conformam as ações do grupo no presente, do que propriamente a uma consciência explícita e organizada de uma resistência político-cultural daqueles usuários do trem da Central que no passado viajavam de trem para Oswaldo Cruz.

Segundo o autor,

Não me parece ser plausível admitir que o procedimento de aproveitar a viagem de trem de volta para casa como espaço para passar o samba possa ser explicado como uma forma de resistência a algum tipo de projeto de branqueamento da sociedade ou da tentativa de aniquilamento das expressões culturais dos negros.

Diante disso, trato o Samba no Trem como uma forma de criatividade de um grupo de sambistas e, certamente, não sambistas na utilização de um espaço urbano público, no caso, os transportes de massa.

(...) O Samba no Trem, portanto, em meu argumento está mais associado a uma forma de distração, no sentido de lazer, para ocupar inteligentemente um tempo de permanência no trem com uma expressão cultural que caracteriza esse grupo: a música.

Neste sentido, o Samba no Trem pode ser entendido como um espaço não criado intencionalmente, mas como uma forma de reutilização de um espaço necessário: à volta para casa num transporte de massa (RODRIGUES JÚNIOR, 2006).

Consideramos que novas luzes podem ser lançadas para essa discussão a partir das obras de Guattari (1987) e Pelbart (2003). Buscando refletir sobre o trabalho verdadeiramente revolucionário, Guattari aponta para um caminho que identificamos como

muito semelhante àquele percorrido pelos indivíduos que protagonizam o trem do samba. Em sua opinião,

está havendo verdade revolucionária, quando as coisas não te encham o saco, quando você fica a fim de participar, quando você não tem medo, quando você recupera sua força, quando você se sente disposto a ir fundo, acontece o que acontecer, correndo até o risco de morte (GUATTARI, 1987, p. 16).

A verdadeira potência revolucionária, de acordo com o autor, não deve ser apontada na teoria e nem na produção e organização de um movimento, por mais eficaz e correto que ele pareça ser: “num grupo de base pode-se esperar recuperar um mínimo de identidade coletiva, mas sem megalomania, com um sistema de controle ao alcance da mão; assim, o desejo em questão poderá talvez fazer valer sua palavra” (p. 17)

A ênfase no “prazer em fazer”, no “fazer o que se gosta”, apontada por Guattari em seu estudo, é um interessante princípio a ser investigado entre os organizadores e participantes do trem do samba, pois é de supor que muitas ações políticas realizadas nesse espaço sejam motivadas e alimentadas por essa referência afetiva. Apesar de a adesão ao trem do samba passar pelo princípio da defesa da tradição, do samba de raiz e da cultura genuinamente popular e suburbana, sendo essa a forma oficial pela qual o próprio evento se apresenta e se organiza, podemos considerar a presença de uma dimensão importante que envolve o estabelecimento de afetos e que se expressa de alguma maneira em seu desenvolvimento.

Há uma teoria, que poderia ser chamada de economia afetiva, formulada pelo filósofo Gabriel Tarde, ainda no século XIX, segundo a qual, conforme Pelbart (2003), a subjetividade aparece como força viva e assim funcionando como uma potência política. Pelbart (2003, p. 112) percorre o caminho trilhado por Tarde, procurando mostrar de que modo atua a força afetiva presente nessa teoria:

tudo se passa por imitação e invenção, todos imitam e inventam, imitam e impõem variações ao que imitam, e a vida social inteira poderia ser reconstruída à luz dessas duas constantes. Daí segue-se que todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, no trabalho, na conversa, nos costumes, no lazer – todos inventam, mas inventam o quê? Novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Quando eu imito um gesto torna-se quantidade social, e pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e cooperações.

A força viva derivada nessa economia afetiva, da qual trata Pelbart, está presente e atuante nas relações sociais, de modo que cria valores próprios e manifesta sua própria potência numa coletividade. Segundo o autor, essa potência de vida presente no coletivo pode ser chamada de biopotência, pois é ao mesmo tempo inteligência coletiva, afetação recíproca e produção de laços afetivos.

Concordando com esses dois autores, defendemos que é justamente na afetividade – não apenas forma de lazer como passatempo da viagem, muito menos como resistência política explícita, como queriam os organizadores da festa – que reside o po-

tencial revolucionário do trem do samba, uma vez que ali as pessoas são felizes e para isso são mobilizadas. E, mais, ao se divertir, despretensiosamente, tomar cerveja, cantar o samba das velhas e também das novas guardas e andar de trem em direção a Oswaldo Cruz, por prazer, mesmo sem saber, os participantes da festa estão rompendo os códigos de silêncio e as fronteiras simbólicas que os separam; cruzam territórios por muitos considerados perigosos, atravessam o túnel, partem para o subúrbio, quebram estereótipos, subvertem a ordem social e os códigos repressores da viagem diária nos trens.

DA CENTRAL A OSWALDO CRUZ: A FESTA NO TREM E SUAS METAMORFOSES

Inicialmente, a iniciativa dos atores sociais do bairro de Oswaldo Cruz foi batizada de “Pagode do Trem”. Começou modesta, com poucos participantes, ocupando apenas um vagão de uma das composições. A ideia foi ganhando força com a adesão de sambistas, profissionais ou não, de várias procedências da cidade, acompanhados de admiradores da música e da festa no trem.

O Dia Nacional do Samba, 2 de dezembro (data instituída em 1962), foi escolhido para a realização do evento, e o trem das 18h (como marco simbólico em alusão ao horário que os sambistas de Oswaldo Cruz, voltando do trabalho, cantavam samba no trem nos idos dos anos 30) era a atração principal. No interior do “trem das 6”, os participantes cantavam e dançavam, batucavam e se divertiam até Oswaldo Cruz, com paradas nas estações da Mangueira e de Madureira para o ritual de recepção às velhas guardas da Mangueira e do Império Serrano.

Chegando no destino desse trem especial, uma grande festa com palco para apresentações agendadas, rodas de samba espontâneas, queima de fogos, barraquinhas com pestiscos e bebidas, e os bares do entorno da estação de trem eram a grande atração. No palco apresentavam-se tradicionais sambistas da cidade, vinculados ao “samba de raiz”, que atraíam um número de pessoas cada vez maior, vindas no trem ou que já aguardavam a festa em Oswaldo Cruz.

Nas primeiras edições, o discurso da tradição, a *performance* dos rituais e a defesa do “samba de raiz” eram elementos primordiais que pautavam a organização da festa, planejada ainda nos fundos de quintais e espaços comunitários de Oswaldo Cruz.

Sucessos como “Patrão, o trem atrasou”, de Paquito, Estanislau Silva e Artur Vilarinho, de 1941, ao lado de alguns sambas-enredos muito populares são cantados dentro dos vagões, como “Foi um rio que passou em minha vida”, de Paulinho da Viola, “Aquarela Brasileira”, de Silas de Oliveira e “Kizomba, festa da raça”, de Luís Carlos da Vila e Martinho da Vila, entre tantos outros sambas considerados antológicos.

A alegria contagia todos os participantes que, entre um e outro gole de cerveja, ao balanço do trem, cantam com entusiasmo sambas de Noel Rosa, Zé Ketí, Assis Valente, misturados aos trabalhos mais recentes de grupos como Revelação, Exaltasamba e Pique Novo, entre outros. Fazendo coro com o samba de Zeca Pagodinho, os animados pas-

sageiros do trem do samba sintetizam a mistura: “tem sempre tudo no trem que sai lá da Central...”.

Outro samba cantado com maior animação durante a viagem é “Geografia popular”, um partido-alto de autoria de Marquinhos de Oswaldo Cruz, gravado por Beth Carvalho, em que a cantora provoca com a primeira parte e o coro faz a segunda. “Geografia popular” funciona como divertida brincadeira que deixa aos participantes da roda a tarefa de completar as rimas com os nomes das estações de trem de Deodoro até a Central, passando por Oswaldo Cruz, enquanto o trem vai percorrendo aquelas estações. O samba, que reverencia os bairros do subúrbio e seus mais ilustres sambistas, pode ser descrito como uma síntese da festa:

Gente boa, onde Aniceto está? / Foi prá bem longe / Quero ver quem vai dizer em verso / Onde se esconde / Vou sair, mas volto já, meu bem / Eu não demoro / Vou pegar o parador ali / Em Deodoro // Lá na casa do Osmar / Tem um pagode bem legal / Eu saí de Deodoro e cheguei / Em Marechal / Salve a Lira do Amor / Escola de grandes partideiros / E depois de Marechal, o que é que vem? / Bento Ribeiro / Vou pra terra de Candeia / Onde o samba me seduz / Pois lugar de gente bamba, onde é? / Oswaldo Cruz / Lá na Portela ninguém fica de bobeira / Mas o Império Serrano é lá / Em Madureira / Quem é bom, já nasce feito / Quem é bom não se mistura / Que saudade do pagode do Arlindo / Em Cascadura // Já pedi pro meu São Jorge / Pra guiar o meu destino / Na igreja do guerreiro, eu rezei / Lá em Quintino / Tem botija, Água Santa, usina e universidade / Alô Caixa, alô 18, alô povão / Da Piedade / Vou seguindo a trajetória / Mas o trem tá muito lento / E a parada obrigatória, onde é? / No Engenho de Dentro / Méier, Engenho Novo, Sampaio, Rocha / Que canseira / Riachuelo, São Francisco, até que enfim, / Chegou a Mangueira / Maracana, São Cristóvão / Lindo bairro imperial / Só depois de Lauro Muller / Amor, cheguei lá na Central.

Resguardado o espaço dos “sambas de raiz”, dentro das composições que fazem parte do trem do samba e nas rodas que se formam em Oswaldo Cruz, podem-se ouvir todos os tipos de samba. Na hora da festa, muitos populares que vão para se divertir, mas levam seus instrumentos, participam democraticamente, cantando sambas de estilos variados. Cada participante concebe a festa de forma diferenciada. Subverte-se qualquer forma de controle e de previsão quanto ao repertório a ser cantado. É a carnavalização do espetáculo, a espontaneidade marcando presença e transformando a festa num evento em que cabe gente de todas as tribos, amantes de toda e qualquer forma de samba.⁴

4. Esses e outros ritos que fazem parte das celebrações do trem do samba foram mais detalhados em outro trabalho. Ver Guimarães, 2008.

Rapidamente o trem do samba tornou-se uma festa de massa, atraindo público cada vez maior, estimado hoje em mais de 200 mil pessoas. Passou a integrar o calendário oficial de eventos da cidade e vincula-se à abertura da temporada pré-carnavalesca e turística, coincidindo com o início dos ensaios técnicos na Marquês de Sapucaí, com o lançamento do disco das escolas de samba, com a proximidade do verão e com a abertura da alta temporada turística.

A festa, ainda que continue rendendo uma homenagem ao samba do bairro, foi ressignificada e hoje já não tem mais o sentido original de chamar a atenção para as reivindicações populares do subúrbio de Oswaldo Cruz, passando a ser patrimônio da cultura popular carioca e a atrair também turistas domésticos e internacionais.

De organização comunitária e popular migrou para projeto artístico-empresarial, encampado por grandes empresas públicas e privadas, tendo à frente a Supervia, a concessionária dos trens urbanos da cidade, e a Petrobras, e contando com a cobertura dos meios de comunicação de massa. A festa mobiliza o apoio logístico da Prefeitura, do Governo do Estado e conta ainda com o apoio da Riotur, a empresa de Turismo do município do Rio de Janeiro, e do Ministério do Turismo.

De um tímido vagão, as edições mais recentes passaram a contar com quatro, cinco trens para transportar os animados participantes com destino a Oswaldo Cruz. A cada ano, são introduzidas novidades para entreter a massa cada vez maior, como um grande palco para *shows* na área externa da Central do Brasil, funcionando como “esquenta” para a festa no trem e sua culminância, em Oswaldo Cruz. O projeto passou a contar também com uma prévia, começando semanas antes, num palco menor, também na gare da Central do Brasil, com a apresentação de diversos sambistas divulgando a realização do trem do samba.

O horário de pico no 2 de dezembro e a crescente massa de adeptos do trem do samba começaram a ser incompatíveis, a ponto de a festa ser distribuída em dois dias, como na edição de 2010. Naquele Dia Nacional do Samba, uma quinta-feira, Marquinhos de Oswaldo Cruz, que continua à frente do evento, recebeu as velhas guardas da Portela e do Império Serrano (resguardando traços originais dos rituais por eles protagonizados nas primeiras edições do evento) e músicos como Mauro Diniz, Serginho Procópio e Renatinho Partideiro, para apresentação num palco montado na Central do Brasil. A festa no interior dos trens e sua apoteose em Oswaldo Cruz ficaram para o sábado, a fim de não conflitar com a volta do trabalho para casa nos dias de semana. Novamente no palco da Central, esquentando o público para a partida dos trens, apresentaram-se as velhas guardas presentes na quinta-feira, junto com outros convidados, do porte de Wilson Moreira e Nelson Sargento, além de Marquinhos de Oswaldo Cruz.

A animação de cada vagão dos trens especiais destinados a Oswaldo Cruz, desde o início do crescimento da festa, sempre ficou a cargo de rodas de samba tradicionais na cidade, previamente convidadas. A diferença é que hoje são encaradas como prestação de serviço e remuneradas para tal. Na edição de 2010, apresentaram-se os seguintes grupos nos vagões das três composições especiais:

1º Trem Saída: 13h30min (Plataforma 2B): Carro 1 - Bloco dos Cachaças / Carro 2 - Pagode do Renascença / Carro 3 - Pagode do Nelsinho e da Wilma / Carro 4 - Clube do Samba / Carro 5 - Bloco Manga Preta / Carro 6 - Embaixadores da Folia / Carro 7 - Cacique de Ramos / Carro 8 - Democráticos de Guadalupe.

2º Trem - Saída: 14h (Plataforma 2A): Carro 1 - Grupo Autonomia / Carro 2 - Bateria do Mestre Faísca / Carro 3 - Pagode do Sambola / Carro 4 - Parados na Ponte / Carro 5 - Bip Bip / Carro 6 - Pagode do João.

3º Trem - Saída: 14h30min (Plataforma 2A): Carro 1 - Grupo Nossa Arte / Carro 2 - Bip Bip / Carro 3 - Locomotivas do Samba / Carro 4 - Grupo Senzala / Carro 5 - Agenda Samba Choro / Carro 6 - Criolice / Carro 7 - Galeria Velha Guarda da Portela / Carro 8 - Grupo Regente (REZENDE, 2010).

As rodas de samba que fazem parte das atrações da festa em Oswaldo Cruz também passaram a ser formadas por músicos contratados, o que não impede a formação de rodas espontâneas. O território da festa foi reconfigurado, passando a espalhar-se pelos dois lados da estação de trem, ocupando várias ruas do bairro. Em 2010, foram programadas 14 rodas de samba que aconteceram simultaneamente em diversos pontos da localidade, assim como uma feijoada na quadra da Portela, um desfile da sua bateria com a participação de outras escolas de samba e o desfile do Bloco do Partido Alto.

O TREM DO SAMBA COMO INSPIRAÇÃO

O sucesso da festa realizada a partir de um transporte público de massa na cidade do Rio de Janeiro inspirou outras iniciativas esporádicas ou que tiveram continuidade nos anos seguintes, como a “Barca do Samba” ou “Barca do Choro” (em 2004), uma barca especial, na qual se autorizou a manifestação musical dos usuários (também nas barcas é “expressamente proibido” qualquer tipo de música), vindos das escolas de samba de Niterói para participar das comemorações do Dia Nacional do Samba, e o “Bonde do Samba”, organizado pelo sambista Bandeira Brasil, em Santa Teresa, desde 2005.

Outra comemoração inspirada no trem do samba é o “Trem do Funk”, criado em novembro de 2009 – dois meses depois que o *funk* passou a ser reconhecido como cultura e, mais ainda, como patrimônio cultural do estado do Rio de Janeiro – para celebrar de forma original o Dia Nacional da Consciência Negra. O trem partiu da Central do Brasil em direção a Belford Roxo, na Baixada Fluminense.⁵ No ano seguinte, foi realizado em 11 de dezembro, data próxima ao trem do samba.

5. O trem para Belford Roxo, que circula em outro ramal, não tem relação com o bairro de Oswaldo Cruz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De movimento idealizado por um pequeno grupo de ativistas que reivindicavam melhoramentos para seu bairro, valorização da cultura negra e visibilidade da produção musical local, o trem do samba transformou-se em fenômeno cultural de massa, com repercussão internacional, estrutura empresarial e grande atratividade turística.

O discurso da ocupação dos trens com samba cantado como continuidade de uma forma de resistência à marginalização imposta aos negros no passado e como protesto ao ostracismo dos artistas do subúrbio no presente não se sustenta no imaginário da massa participante nem interessa aos patrocinadores e apoiadores do evento. As mudanças que provocaram a ressignificação da festa, entretanto, não impediram que ela deixasse de projetar o bairro de Oswaldo Cruz e seus artistas locais, mas passaram a significar que o samba do subúrbio era patrimônio acessível a todos os participantes, mo-

radores do bairro, cariocas de outras localidades, fluminenses e turistas, interessados na festa como diversão.

É nesse aspecto lúdico da festa, concordando com Guatarri (1987) e Pelbart (2003), que reside seu potencial revolucionário, posto que as pessoas se divertem juntas, são felizes, e, então, mesmo inconscientemente, rompem-se estigmas que demarcam fronteiras simbólicas e que separam os diversos grupos sociais.

O trem do samba subverte a ordem do silêncio imposta aos usuários diários do serviço de trens urbanos e demonstra que é possível a utilização da malha ferroviária para o lazer e o turismo, podendo ser exemplo a inspirar iniciativas semelhantes que revitalizem a tão sucateada malha ferroviária do estado, uma alternativa cultural para a fruição do tempo livre, a apreciação estética e o estímulo à recuperação do patrimônio edificado e dos bens construídos ao longo das linhas férreas, sem deixar de lado, é claro, a prestação do essencial serviço de transportes à população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUIMARÃES, Valéria Lima. *O trem do samba: uma festa da cultura popular carioca*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/Riotur, 2008.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- RODRIGUES JÚNIOR, Nilton. O samba pede carona: samba, ritmo e música no trem urbano. In: Academia do Samba [2006?]. Disponível em: www.academiadosamba.com.br/monografias/NiltonRodriguesJr-1.pdf. Acesso em 2 de outubro de 2011.
- REZENDE, Sidney. Trem do samba ganha novidade em 2010. Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/110673+trem+do+samba+ganha+novidade+em+2010>. Acesso em 2 de outubro de 2010.
- SILVA, Marília T. Barbosa e SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- TREM DO SAMBA. Disponível em: <http://www.tremdosamba.com.br/>. Data de acesso: 29 de setembro de 2011.

Valéria Lima Guimarães é doutoranda em História Comparada pela UFRJ e turismóloga. Leciona no Curso de Turismo da UFF. É autora dos livros *O Trem do samba: uma festa da cultura popular carioca* (Riotur, 2008); *O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular – 1945-1950* (Imprensa Oficial/Aperj, 2009) e *História e turismo – vols. 1 e 2* (Fundação Cecierj/Cederj, 2009).

Marcelo Duarte de Almeida, mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela Uerj, é professor das redes públicas municipal e estadual de ensino do Rio de Janeiro, com larga experiência em projetos comunitários no bairro de Oswaldo Cruz. É coautor dos livros *O Centro Comunitário de Capacitação Paulo da Portela conta a sua história – 1998-2003* (Arquimedes Edições, 2003) e *Educação nas periferias urbanas* (7Letras, 2011).